

Escrita feminina e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX: Clarinda da Costa Siqueira e suas *Poesias*

Women's writing and literature in 19th century Rio Grande do Sul: Clarinda da Costa Siqueira and her *Poesias*

Francisco das Neves Alves¹ 

Luciana Coutinho Gepiak² 

¹Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, RS, Brasil.

²Prefeitura Municipal do Rio Grande. Rio Grande, RS, Brasil.

E-mails: franciscodasnevesalves@gmail.com; lcgepiak@gmail.com

RESUMO: Estudo a respeito da formação literária sul-rio-grandense do século XIX, levando em conta um estudo de caso acerca da escrita feminina. Em uma época na qual a escrita feminina ainda sofria vários reveses, algumas precursoras abriram caminho para o reconhecimento do que se poderia denominar de “mulheres de letras”. Uma delas foi Clarinda da Costa Siqueira, cujos poemas foram publicados de forma avulsa nas páginas de vários representantes da imprensa gaúcha, vindo a ser reunidos e publicados na forma de livro, em 1881. A abordagem das vivências e do papel literário de Clarinda Siqueira constituiu o objetivo deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; escrita feminina; Rio Grande do Sul; Clarinda da Costa Siqueira

ABSTRACT: This is a study of the literary formation of Rio Grande do Sul in the 19th century, taking into account a case study of female writing. At a time when female writing was still suffering several setbacks, some pioneers paved the way for the recognition of what could be called “women of letters”. One of them was Clarinda da Costa Siqueira, whose poems were published separately in the pages of various representatives of the Rio Grande do Sul press, and were later collected and published in book form in 1881. The objective of this article is to address the experiences and literary role of Clarinda Siqueira.

KEYWORDS: Literature; female writing; Rio Grande do Sul; Clarinda da Costa Siqueira

COMO CITAR

ALVES, Francisco das Neves; GEPIAK, Luciana Coutinho. Escrita feminina e literatura no Rio Grande do Sul do século XIX: Clarinda da Costa Siqueira e suas *Poesias*. *Revista da Anpoll*, v. 55, e1990, 2024. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1990>

O Rio Grande do Sul foi a mais tardia área de incorporação colonial portuguesa no território brasileiro. Sua conquista deu-se a partir de uma série de enfrentamentos bélicos contra os inimigos espanhóis, ocasionando a formação de uma sociedade oligárquica, latifundiária e militarizada. Com a independência, tal conjuntura permaneceu, pois os sul-rio-grandenses, acostumados com os conflitos além-fronteiras, enfrentaram não somente uma guerra civil interna, que durou quase uma década, como também, constituíram o mais importante contingente do Brasil nos combates empreendidos em relação aos vizinhos platinos ao longo do século XIX. Assim como no resto da colônia, depois império, predominou nas terras sulinas um regime patriarcal inexorável, que criava enormes restrições para as mulheres.

Tal perspectiva refletia-se também na conjuntura cultural e intelectual, na qual houve um amplo domínio do sexo masculino, não é para menos que as referências à intelectualidade eram normalmente definidas pela expressão “homens de letras”. Apesar desse ambiente bastante desfavorável, progressivamente surgiram algumas mulheres que foram bastante além daquilo que delas era esperado, lançando-se às ações de ler e escrever e aventurando-se no mundo das letras. Mesmo tendo de enfrentar todo o tipo de óbice, como o descaso, o preconceito e a desconsideração, elas persistiram e marcaram posições que teriam um importante sentido para uma mudança no lugar social do feminino.

Nesse quadro, essas mulheres, apesar de sofrerem com uma repressão “feroz, constante e persistente”, mostram-se “dispostas a transpor as barreiras do preconceito” (Prada, 2010, p. 28-29). Nesse sentido, “as inúmeras escritoras brasileiras buscavam sair do obscurantismo e participar de uma vida ativa”. Elas “conseguiram trabalhar em jornais, escrever periodicamente”, atuando “com seriedade e objetivos de perenizar a obra de suas contemporâneas e criar uma obra própria” (Muzart, 2011, p. 24). São “figuras femininas” que representam “exemplos de força interior, de tenacidade, defrontando os baixos interesses, os preconceitos, a hipocrisia, a intolerância, as prepotências da sociedade que as rodeava e constrangia” (Braga, 1980, p. 5).

A partir de então, a escrita feminina começa a se espalhar por um quadro mundial em que diversas mulheres tiveram um papel fundamental na afirmação feminil. Algumas se destacam internacionalmente, outras, no âmbito regional e nacional. Essas escritoras constituem casos que conseguem “impor-se numa sociedade fechada, tradicionalmente patriarcal, capaz de sujeitar o feminino ao foro do privado, num isolamento a que não sobreviveriam tantas outras mulheres da sua geração” (Lousada, 2010, p. 23).

Ganha ainda mais relevância o papel desempenhado por essas mulheres escritoras a partir do efeito produzido na condição de cada uma delas servir de exemplo para as demais. Dessa maneira, seu “périplo traçado revela a ousadia no ultrapassar múltiplas barreiras” no caminho “que às mulheres de Oitocentos estava porventura vedado”. Além disso, “o reconhecimento granjeado” por elas “junto de pares resulta do empenho e esforço empreendidos ao longo da carreira” para a qual se dedicaram. Então se estabelece “uma conquista que surgiria aos olhos das mais jovens mulheres”, que passam a tomá-las na condição de “modelo e precursora” (Lousada, 2012, p. 111).

A mais meridional unidade administrativa brasileira contou com várias representantes da escrita feminina, desde aquelas que conquistaram considerável notoriedade, até as que foram relegadas ao anonimato. Dentre elas, esteve a rio-grandina Clarinda da Costa Siqueira. Significativa parte dos estudos biobibliográficos que citaram Clarinda Siqueira restringiu-se a

informar que sua data de nascimento era 26 de dezembro de 1818, na cidade do Rio Grande, e que a sua morte ocorrera a 27 de outubro de 1867, em Pelotas, ficando definida sua ação intelectual como poetisa e sendo referenciada sua obra póstuma *Poesias*, de 1881 (Bernardes, 1989, p. 203; Coelho, 2002, p.131; Coutinho; Sousa, 2001, p. 1261; Flores, 1999, p. 510; Martins, 1978, p. 554; Villas-Bôas, 1974, p. 486).

A respeito de suas vivências, sabe-se que “era filha de pais incógnitos e fora enjeitada”, vindo a ser adotada por “duas respeitáveis matronas da família Passos”, sendo criada “com todos os desvelos”, sem, entretanto, conseguir acesso a “uma educação literária apurada”. Apesar disso, teria recebido “a educação do coração”, tornando-se a partir de sua criação “modesta, humanitária, bondosa, inexcedível em caridade cristã” e “sempre pronta a aliviar dores e penas alheias, esquecida de seus interesses próprios”. Também foi descrita como uma pessoa ímpar, pois “não havia coração melhor formado, espírito mais caritativo” e “alma mais magnânima do que a dessa mártir” (Koseritz, 1881a, p. 133-134).

Ainda cedo “começou a dar demonstrações de ser maviosa poetisa, de alta inspiração e cultura” e, “ao entrar na puberdade” foi com sua família adotiva “fixar residência em Pelotas” (Neves, 1989, p. 173). Aos dezesseis anos, quando era uma “moça admiravelmente inteligente”, tanto que “já vibrava as maviosas cordas de sua lira de ouro”, casou-se com José da Costa Siqueira, que fora “inferior do exército e exercia a profissão de ourives”, além de ocupar cargos públicos e ter atuado “como escrivão da vara eclesiástica”. Levando uma “vida modesta e trabalhosa”, ambos conseguiram amealhar “alguma fortuna”. Iniciavam-se também seus “sofrimentos físicos”, com limitações em sua saúde que perduraram por trinta anos. Mesmo assim, manifestava-se sua “inteligência diletta, que abrangia não vulgar saber, numa época em que era ainda geralmente negligenciada a educação da mulher” (Koseritz, 1881a, p. 133-135).

Quanto a seus aprendizados, teria nascido “com uma maravilhosa intuição do belo e com uma inexcedível sede de saber”, de modo que, se tivesse “recebido uma boa educação literária e artística”, poderia ter figurado “no horizonte brasileiro de primeira ordem”. Entretanto, “mal aprendera primeiras letras e trabalhos de agulha”, de forma que “tudo quanto soube adquiriu-o à força de trabalho próprio, quando já era dona de casa”. Apesar disso, “a poesia lhe brotava dos lábios”, tanto que “improvisava com extraordinária facilidade e, à medida que seu horizonte intelectual ia alargando-se, crescia a sua profunda concepção poética” (Koseritz, 1881a, p. 134-135).

Ela buscou aprofundar seus saberes, “atirando-se ao estudo da gramática” e completando “seus conhecimentos da língua pátria”, vindo a apossar-se da “literatura clássica do idioma português”, de modo que “os escritores e, sobretudo, os poetas portugueses e brasileiros lhe eram familiares”. Mas não teria se dado por satisfeita, pois “queria conhecer as belezas da poesia francesa”, o que a levou a aprender “francês com perfeição”, lendo e escrevendo em tal língua. A partir de então, “devorou os tesouros da poesia francesa e, à medida que ia alargando-se o seu horizonte, vibrava com maior inspiração as cordas de sua lira”. Somou-se a isso a convivência “como outros escritores que viviam naquele meio”, o que lhe deu “constante alimento ao espírito e suas poesias multiplicavam-se” (Koseritz, 1881a, p. 135-136).

Foi na cidade de Pelotas que Clarinda viveu boa parte “de sua útil e preciosa existência, toda repartida entre os afetos da família, os enlevos das letras e os inefáveis gozos da caridade”. Dessa maneira, “no seio da sociedade pelotense, o nome desta meiga poetisa” passou a ser

“pronunciado com o máximo respeito, com a mais terna veneração”. Nesse contexto, “o seu belo talento poético expandiu-se em estrofes líricas de uma delicadeza extrema”, e, além disso, “a fé e o patriotismo inspiraram a talentosa escritora” em direção a “suavíssimos e ardentes cantos que as gazetas e revistas daqueles tempos transcreviam com orgulho e gabos entusiásticos”, os quais, “dia a dia, avolumaram a reputação da poetisa” (Oliveira, 1907, p. 37-38).

Além das lides literárias, por meio de “sua maravilhosa intuição ao belo”, Clarinda foi levada “também à arte”, tanto que poderia ter sido “pintora ou escultora, se a vida lhe houvesse proporcionado a ocasião”. Mesmo assim, mostrou “sua inclinação para as artes nos trabalhos de agulha, que fazia com rara perfeição”, tanto que deixou “preciosos trabalhos”, vários deles observáveis nas figuras de santos presentes em igrejas pelotenses (Koseritz, 1881a, p. 138). Nessa linha, tornou-se “notável a habilidade que possuía para os trabalhos de agulha, em que predominavam os bordados a ouro, verdadeiros primores de arte”, como no caso da “vestimenta do Senhor dos Passos, da Matriz de Pelotas, toda bordada por suas mãos”, constituindo “uma obra prima, admirada sempre” (Oliveira, 1907, p. 37-38).

A poetisa gaúcha teve ainda um papel humanitário e de auxílio aos desvalidos, chegando a ser destacada pelas “virtudes” de sua “alma” e pelos “tesouros de bondade que encerrava aquele grande coração”. Desse modo, ela constantemente buscou “praticar o bem ou aliviar sofrimentos e dores alheias” (Koseritz, 1881a, p. 133 e 138-139). Ainda quanto a suas práticas caridosas, ficou registrado que Clarinda, com seu “diamantino coração”, foi “um perene manancial do bem”, pois “jamais deixou de socorrer os infelizes que lhe batiam à porta do lar, apelando para a generosidade altruísta dos seus nobilíssimos sentimentos” (Oliveira, 1907, p. 37). No que se refere a tal aspecto, ela era igualmente definida como portadora “de caridade, bem que não fosse rica”, de modo que “à viúva, à órfã, à pessoa enfim, que lhe estendesse a mão, nunca negou o auxílio que pudesse prestar” (Blake, 1893, p. 112).

Por ocasião de sua morte, foram publicadas algumas necrologias em meio à imprensa, as quais traziam informes a respeito da escritora. Em um de seus registros necrológicos, Clarinda era exaltada como “inteligência esclarecida”, que amava “o estudo das letras, com que enriqueceu o seu espírito”, vindo a conquistar “o apreço das pessoas ilustradas e dando-lhe o primeiro lugar entre as senhoras instruídas da sociedade pelotense”. Era destacado ainda que “seu gênio poético espargiu-se em belas produções religiosas, patrióticas e amenas, umas que correm impressas, com o seu nome, em diversos jornais da província”, além de “outras inéditas, por tê-las feito a pedido de pessoas que as recitavam em sociedades e teatros, e outras ainda por publicar” (Silva Júnior, 1881, p. xiii-xiv).

Uma nota fúnebre acerca da autora foi publicada na revista ilustrada porto-alegrense *A Sentinela do Sul*. A respeito da “existência” da poetisa, o periódico dizia que “jamais invólucro mais frágil encerrou alma maior, coração mais nobre, espírito mais elevado”, como seria o caso de Clarinda, a qual viria a constituir “uma glória do Rio Grande, que passa a pertencer à história da literatura pátria”. Ela era considerada como “uma daquelas organizações privilegiadas, que aos mais elevados dotes do espírito e aos mais sazonados frutos do talento, reúnem uma bondade sem fim”, além de “sentimentos nobres, aspirações elevadas e raras virtudes”. A matéria enfatizava ainda que a poetisa dera início às suas criações “bem jovem”, vindo a desenvolver “com os anos os seus dotes de espírito”, em um quadro no qual “sua inteligência rara e seu amor ao saber tornaram-lhe profícuo o estudo e ela adquiriu uma ilustração rara no sexo feminino” (Koseritz, 1867, p. 3).

As colunas de *A Sentinela do Sul* consideravam ainda que a escritora era uma “pensadora profunda”, com “alma nimiamente poética e sensível”, em um contexto que “os altos mistérios da religião cristã atraíam-na com irresistível força”, de modo que “as mais inspiradas de suas belas poesias, os mais perfumados florões de sua coroa de poetisa, deveu-as à sua profunda fé religiosa” e “ao santo entusiasmo com que abraçava os sacros dogmas do cristianismo”. Apontava também que “as glórias da pátria e as suas dores, seus padecimentos” igualmente “faziam vibrar as áureas cordas de sua lira em acordes sublimes e estrofes, inspiradas pelo mais santo e nobre patriotismo” (Koseritz, 1867, p. 3).

O artigo editado na revista ilustrada porto-alegrense lembrava que as poesias de Clarinda estariam “impressas nas colunas de inúmeros jornais, porque a sua modéstia proverbial nunca quis permitir que elas fossem coligidas e publicadas em edição especial”. Diante disso, defendia a necessidade de coligir seus escritos para imprimir-los em conjunto, de modo a “conservar à literatura pátria esses fragmentos sublimes que lhe legou uma das mais privilegiadas existências”. O registro fúnebre demarcava ainda que, “como a poesia, também as artes encontravam nela uma, posto que modesta, feliz cultura”, com destaque para seus desenhos e bordados. No que tange à sua ação assistencialista, era descrita como “anjo tutelar da pobreza” e “exemplo de caridade cristã”. Eram enfatizados também os padecimentos de saúde da escritora, que traduziram “transes dolorosos de sua existência de mártir”, constituindo “uma alma purificada pelo sofrimento e enobrecida pelos mais elevados sentimentos” e “pelas mais raras virtudes”. Desse modo, o periódico pretendia saudar a existência da “distinta poetisa”, prestando-lhe o “melhor tributo” e a “homenagem mais sincera à memória da excelsa rio-grandense” (Koseritz, 1867, p. 3 e 6).

O periódico rio-grandino *Eco do Sul* igualmente apresentou uma nota funérea acerca de Clarinda Siqueira, descrita como uma personalidade “ilustre e muito virtuosa”. Descrevia assim que fora “o passamento dessa respeitável matrona geralmente sentido”, uma vez que ela era distinguida pelos “mais nobres e elevados atributos morais e intelectuais”, vindo a ser, portanto, homenageada por “todos que prezam e respeitam os dotes do talento e da virtude”. O mesmo jornal traria em suas páginas um epicédio em homenagem à escritora morta (Taveira Júnior, 1867, p. 2.):

Agora, ó minha lira, só te peço
Um cântico de dor, uma saudade,
Que exprima o sentimento de minha alma
Vem comigo, esparrizar o santo orvalho
Das lágrimas por sobre a fria campa
De quem pela virtude eternamente
Reviverá no seio da amizade...
Ah! quão mesquinho, ó morte, é o teu domínio!
Enquanto pensar reduzir ao nada
As vítimas da tua insaciedade,
Do encerro mortal, de ti zombando,
Ressurge, e voa ao céu uma alma pura.

Exemplo de paciência cá na terra
Fez dela a providência. Os olhos fitos
Na cruz – sublime e forte ela há sofrido

O que sofrer podia o peito humano;
 Abençoando as dores que atrozmente
 Lhe iam consumindo as fibras da alma,
 Gota a gota sorveu resignada
 O fel das amarguras.

Desde o riso infantil foi-lhe a existência
 Um fadário cruel – negou-lhe a sorte
 O doce amor de mãe estremeçada;
 E na quadra feliz da juventude,
 Quando a vida se orna ao sol esplêndido
 Da esperança, quando tudo se perfuma
 Ao riso afagador das primaveras –
 Essa alma em vez das flores dessa idade
 Só espinhos colheu, e tantos, tantos!
 Que lhe formaram a coroa do martírio.

Quem não há de chorá-la neste mundo,
 Se de virtude amor e piedade
 Foi ela exemplo vivo – inimitável?
 Quem nela achou tesouros de mil prendas
 Não irá compassivo e reverente
 No seu túmulo verter sentido pranto,
 Depor uma tristíssima saudade,
 E uma prece erguer por alma dela?

Alma sublime, tu que libertada
 Do ilusório e vão encantamento
 Deste tão mesquinho val de lágrimas –
 Tu, que vives hoje ao pé da virgem,
 Fruindo eterna dita entre os arcanjos
 Não te esqueças dos que por ti, saudosos,
 Conservam tua imagem sempre viva
 Bem no fundo da alma... Adeus, ó mártir!

Mais de uma década depois de sua morte, Clarinda Siqueira foi homenageada pelo periódico ilustrado-humorístico pelotense que apresentou o retrato da poetisa em sua “página de honra”, além de esboçar “breves palavras” acerca da escritora, trazendo alguns detalhes sobre sua vida e obra. A respeito do trabalho intelectual da poetisa, a matéria dizia que “era uma senhora de elevada educação e muito temente a Deus”, e “profunda conhecedora das sagradas letras”, tendo se dedicado a elas “com entusiasmo, bem como ao estudo da literatura em geral, para o que possuía decidida vocação e inteligência esclarecida”, vindo assim a alcançar “um lugar distinto entre as senhoras da sociedade pelotense e a estima daqueles que com ela entretinham relações amistosas”. Destacava ainda que “muitas belas produções religiosas, patrióticas e amenas legou-nos a distinta poetisa”. Também era considerada como “modesta sem afetação” e “virtuosa e caritativa sem hipocrisia”, vindo a constituir “um belo exemplo digno de ser imitado”, de modo que, “com o seu passamento perderam as letras e a sociedade um dos seus belos ornamentos” (Leite, 1879. p. 2-3).

Além dos obstáculos comumente impostos à escrita feminina, que vieram a requerer um esforço extraordinário daquelas que trilharam tal caminho, Clarinda Siqueira teve de enfrentar várias limitações intrínsecas às suas vivências. Nessa linha, “na sequência de infortúnios” que constituiu a sua vida, “é de surpreender que essa mulher marcada pela doença e sem grande instrução tenha cultivado um espírito sensível e criativo e se destacado nas letras de seu tempo” (Schmidt, 2000, p. 208-209). Assim, vencendo todas as restrições pessoais e àquelas que o meio lhe impôs, Clarinda perseverou em sua arte, mantendo acesa a flama de sua verve poética.

No ano de 1881, um projeto levantado desde a morte de Clarinda Siqueira foi finalmente realizado na prática com a reunião de alguns dos versos de sua autoria, publicados esparsamente no seio da imprensa, em um livro. A publicação foi realizada pela conhecida firma Carlos Pinto & Cia. proprietários da Livraria Americana, empresa que além da ação vinculada à impressão e mercado de livros, tornou-se verdadeiro centro de irradiação cultural, mormente nas três cidades em que possuía escritórios, ou seja, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, de modo que, em suas dependências interagiu significativa parte da intelectualidade de então. Impresso na Tipografia da Livraria Americana, o livro foi intitulado de *Poesias*, contando com cento e quarenta páginas e tendo as dimensões de 18,5cm X 12,5 cm.

A ideia da publicação do livro, que reunia as criações literárias de Clarinda Siqueira, foi retomada com maior ênfase a partir de um artigo publicado na *Gazeta de Porto Alegre*, que conclamava a união de esforços para resgatar aquele “espírito de elite, que ocupa um dos primeiros lugares na escala das poetisas do Brasil”. Segundo a matéria, tais “produções poéticas” nunca teriam visto “a luz se não nas efêmeras folhas de jornais da época”, de maneira que seu nome poderia vir a ser “conhecido em todo o Brasil, se suas poesias houvessem sido reunidas em volume”. Nesse sentido, para elevar “uma glória literária da província” seria preciso erigir “o único monumento que cabe na possibilidade – a publicação póstuma de suas poesias” (Koseritz, 1881b, p. xi-xii).

Ainda que o livro publicado em 1881 tenha reunido “apenas parte da grande quantidade de versos da sua lavra” (Neves, 1989, p. 173), a coletânea teria por escopo o de trazer uma “recordação preciosa de um dos espíritos mais privilegiados e de um dos corações mais nobres”, como seria o caso de Clarinda. Nessa linha, ainda que houvesse incerteza quanto à representatividade do levantamento diante do conjunto da produção da poetisa, as páginas do livro organizado serviriam para provar “ao Brasil”, que ela fora “uma verdadeira e inspirada poetisa”. Além disso, a publicação viria a provar “que aquele espírito sublime teria sido uma glória da nossa literatura, se em sua mocidade houvesse recebido o pão da instrução”, bem como, “se mais tarde uma cruelíssima enfermidade não lhe houvesse aniquilado as forças”. Dessa maneira, *Poesias* teria por intento primordial enfatizar “os frutos do talento” de Clarinda Siqueira, que passariam a “ser arrancados ao pó do esquecimento” (Koseritz, 1881a, p. 136).

Nesse sentido, *Poesias* “representou, de certo modo, uma reparação ao esquecimento que ocultava o nome” de Clarinda (Cesar, 2006, p. 178). Desse modo, a antologia de versos refletiria “uma alma inteira”, uma “alma de mulher e de mártir”, pois, apesar de seu “horrível padecimento”, Clarinda não se negava a realizar “os seus admiráveis versos para servir a algum pedido”. De acordo com tal perspectiva, era à “talentosa poetisa” que “se recorria em Pelotas em todas as ocasiões de regozijo ou solenidades públicas”. Quanto às suas inspirações,

“a dor alheia a fazia chorar em sentidas endechas”; já “as glórias da pátria, que ardentemente amava, lhe inspirava epopeias”; ao passo que “a injustiça lhe arrancava brados de indignação” e “a virtude, hinos de admiração” (Koseritz, 1881a, p. 137).

Nesse contexto, Clarinda Siqueira teria se tornado “uma mulher superior, um espírito distinto entre os mais distintos” e “uma vocação manifesta para a poesia”. Assim constituiria uma verdadeira “*self made*”, devendo “tudo ao seu gênio, à sua inspiração” e “à sua sede de saber”, apesar da “penosíssima enfermidade” que lhe atormentou durante grande parte de sua existência. O livro assim teria o papel de servir como “uma última homenagem” à poetisa, permanecendo entre os idealizadores da obra a esperança de que “o povo da província, que ela tanto amou e tantas vezes celebrou em melodiosos versos”, viesse a realizar “póstuma justiça, acolhendo com benevolência o volume de poesias que vai perpetuar a sua memória” (Koseritz, 1881a, p. 137 e 139-140).

A obra da poetisa teve “traços clássicos, não só porque eram estes os que dominavam na época em que começou a poetar”, como ainda “pela convivência com autores bem representativos da mentalidade do século anterior”. Mesmo assim, a criação poética de Clarinda Siqueira foi “leve, espontânea, não raro dando à estrutura métrica um tratamento mais musical”, além de trazer um “subjativismo que lhe banha todas as composições, algumas delas empapadas de misticismo, ou melhor, de profundo sentimento cristão”. De acordo com tal perspectiva para os templos de sua cidade adotiva “não mandou apenas os finos paramentos que suas mãos bordaram a ouro”, pois, “aos santos de seus altares ofereceu também, dissolvidas em música, muitas preces rimadas”. Somou-se a tal tendência, a perspectiva pela qual, “com grande finura e intuição, ela se achegou aos românticos franceses”, dos quais “recebeu estímulo mais ou menos visível” (Cesar, 2006, p. 177-178). Assim, do lirismo, Clarinda trouxe “a economia de uma expressão formal, fundada na simplicidade da versificação e do sentimento”, remetendo “aos traços clássicos ainda predominantes na poesia produzida na época em que começou a escrever”. Já de “sua filiação com os românticos franceses”, veio a absorver “um subjativismo imerso na melancolia” que muito a contento traduziu “a inexorável realidade de uma vida sob o peso da fatalidade” (Schmidt, 2000, p. 209).

Em meio às criações expressas no livro *Poesias*, um dos elementos mais utilizados foi o “mote”, o qual constitui “frase ou verso que se escolhe ou aceita como base de uma composição poética, de improviso principalmente”, o qual “pode repetir-se na composição, numa espécie de estribilho”. Os motes compreendiam a “glosa”, feita “em décimas, cujo verso final repete o mote, havendo tantas décimas quantas forem as linhas do mote”. O tradicional “soneto”, com sua “forma fixa, contando quatorze versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos, com rimas seguindo o esquema *abba|abba|cdc|dcd*” também se fez presente nos textos versejados de Clarinda. Outra composição que se esteve em sua obra foi a “quadra”, que “é o quarteto de arte menor, autônomo, desligado de qualquer compromisso estrófico”, sendo “composto quase sempre em heptassílabos, em que a rima só é obrigatória no segundo e no quarto versos, podendo existir ou não entre os de ordem ímpar”. Aparece também a “colcheia” que “é um mote em dois versos, para ser glosado em décimas, repetindo-se como quarto e décimo da glosa, o primeiro e o segundo versos da colcheia” (Campos, 1978, p. 44, 80, 136, 144 e 154).

Em seus poemas, “a grande vertente de seu fazer poético está pautada, efetivamente, nos temas relacionados com as vicissitudes de ordem pessoal”. Isso trouxe consigo uma “poesia

de caráter intimista e introspectivo, que converge basicamente para a questão das origens e da identidade”. Em seus poemas “se conjuga um forte sentimento de rejeição”, advinda do “abandono dos pais, com uma aceitação passiva da infelicidade que o destino lhe reservou”, com as “alusões à enfermidade”, vindo a gerar “um quadro doloroso de perda, onde a única redenção possível reside nos laços de amizade feminina”. Um “tom confessional e sombrio revela-se, em determinados momentos, insistentemente pesado, não sem deixar aflorar um certo toque de morbidez”, em um quadro pelo qual “a reiteração da dor parece levar a um esgotamento das tentativas de integração psíquica do eu interior”. Não levando em conta um tópico recorrente em tais composições, fica estabelecida uma “ausência quase absoluta da natureza como lenitivo e fonte de identificação”, a qual “é compensada pela atitude contemplativa calcada no sentimento de religiosidade e de temor a Deus”, bem como em uma “consciência aguçada da finitude e transitoriedade da vida humana” (Schmidt, 2000, p. 209).

Nesse sentido, muitas das temáticas abordadas por Clarinda Siqueira nos seus versos, em tom lírico, ressaltavam o “subjetivismo sentimental, quanto ao fundo” (Campos, 1978, p. 102), referindo-se a dores e amores, bem como envolvendo reflexões acerca das suas vivências pessoais, como no caso do enfeitamento e da orfandade, mas também as privações e sofrimentos advindos dos males que afligiram sua saúde, durante boa parte de sua existência, e ainda as mazelas sociais com as quais conviveu e buscou mitigar por meio da caridade. Há também em meio aos poemas o caráter encomiástico, no sentido de apresentar uma “expressão de louvor”, uma “homenagem a alguém”, constituindo ainda um “elogio”, que “louva ou glorifica pessoas, ideias ou objetos” (Shaw, 1978, p. 169), de modo que, a partir da perspectiva panegírica, a poetisa homenageou várias pessoas de suas relações, tanto pessoais, quanto intelectuais, bem como personalidades que compunham a conjuntura política de então.

A poetisa sul-rio-grandense viveu uma época de transições, notadamente com a passagem do Brasil da condição de colônia à de país independente, convivendo com alguns dos enfrentamentos bélicos tão comuns à época, como as guerras do império brasileiro contra Uruguai e Argentina, além dos primeiros anos da Guerra do Paraguai, assim como vivenciou as tantas rebeliões da época provincial, com ênfase à gaúcha Revolução Farroupilha. Em meio a tal contexto, Clarinda carregou sua obra nas cores do patriotismo, havendo uma grande preocupação em enaltecer a data cívica do 7 de Setembro, bem como homenagear D. Pedro I, para o qual dedicou verdadeira idolatria em seus versos, ao passo que, na guerra civil rio-grandense de 1835-1845 adotou uma postura mais próxima dos legalistas.

Além disso, os escritos de Clarinda Siqueira estiveram a contento com a perspectiva da conquista de um novo papel social para a mulher. Ainda que esta não tenha sido uma de suas bandeiras tão explícitas, só a sua ação como escritora, publicando em jornais e difundindo a escrita feminina, já servia como um apelo e uma motivação para que outras representantes feminis seguissem seu exemplo. Ainda assim, ela não deixou de fazer referência a tal questão, como ao conclamar as jovens acerca da importância da instrução em suas formações, uma vez que “a educação” era por ela considerada “um tesouro de grão valor” e um “tesouro que não tem rival”, transformando-se em “escudo forte”. Conforme o tempo em que viveu, Clarinda não propunha o rompimento com as funções esperadas da mulher, no que tange ao ambiente familiar e doméstico, entretanto, ao apontar o caminho da educação, já criava um diferencial que foi fundamental na caminhada em direção à conquista de um outro lugar social para o feminino.

Assim, o intento de resgatar os tantos poemas escritos por Clarinda da Costa Siqueira, espalhados em meio às múltiplas páginas impressas da imprensa periódica, constituiu uma sugestão ainda durante a sua vida, mas que não foi levado em frente. Por ocasião da morte da poetisa, reavivou-se o propósito, no entanto, mais uma vez sem sucesso. Somente nos primórdios da década de 1880, tal desígnio foi alcançado, a partir de esforços do meio intelectual, livreiro e tipográfico, que levaram à publicação da obra *Poesias*, cujas páginas iniciais demarcavam o caráter de homenagear e revivificar a memória da autora, visando a garantir-lhe um lugar em meio à literatura sul-rio-grandense e brasileira.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Maria Thereza Caiub Crescente. *Mulheres de ontem*: Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1989.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.
- BRAGA, Maria Ondina. *Mulheres escritoras*: da biografia no texto ao texto da biografia. Amadora: Livraria Bertrand, 1980.
- CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: CORAG, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.
- KOSERITZ, Carlos de. D. Clarinda da Costa Siqueira. *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, a. 1, n. 19, p. 3 e 6, 10 nov. 1867.
- KOSERITZ, Carlos de. Juízo. In: SIQUEIRA, Clarinda da Costa. *Poesias*. Pelotas: Carlos Pinto & Cia., 1881a. p. 133-140.
- KOSERITZ, Carlos de. Uma poetisa rio-grandense. In: SIQUEIRA, Clarinda da Costa. *Poesias*. Pelotas: Carlos Pinto & Cia., 1881b. p. xi-xii.
- LEITE, Colimerio. D. Clarinda C. Siqueira. *Cabrion*. Pelotas, a. 1, n. 9, p. 2-3, 6 abr. 1879.
- LOUSADA, Isabel. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género – Presidência do Conselho de Ministros, 2010.
- LOUSADA, Isabel. Carolina: por entre os itinerários da memória e da ciência. *Gaudium Sciendi – Revista da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa*, n. 2, p. 102-111, jul. 2012.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Instituto Estadual do Livro, 1978.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, Aline Alves et al. (org.). *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 11-27.
- NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artextos, 1989.

OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense: escritoras mortas*. Porto Alegre: Livraria Americana, 1907.

PRADA, Cecília. *A pena e o espartilho*. 2. ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Clarinda da Costa Siqueira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. v. 1, p. 208-209.

SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

SILVA JÚNIOR, A. J. C. Necrologia. In: SIQUEIRA, Clarinda da Costa. *Poesias*. Pelotas: Carlos Pinto & Cia., 1881. p. xiii-xiv.

TAVEIRA JÚNIOR, Bernardo. Epicédio à sentidíssima morte da Exma. D. Clarinda da Costa Siqueira. *Eco do Sul*, Rio Grande, a. 13, n. 252, p. 2, 6 nov. 1867.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação: Instituto Estadual do Livro, 1974.